

O PRESIDENTE DO GOVERNO COMANDANTE MENDES CABEÇADAS

é a figura republicana saída da ultima revolução que, ao Povo, maior confiança merece pelo seu passado de revolucionario de 5 d'Outubro e de homem honrado e leal.

MENDES CABEÇADAS foi a alma republicana do movimento.

GOMES DA COSTA foi *só* a espada que guiou uma parte das tropas.

Ambos se completam

O Presidente do Govêrno da Republica jurou pela sua honra e pelos seus galões que não haveria ditadura militar.

Certos estamos de que a ditadura não surgirá. E, se surgir, Mendes Cabeçadas fará saltar os miolos.

Seria o seu dever.

O nosso, seria o de lutar!

A CHOLDRA

saúda o chefe do govêrno da Republica e aguarda os seus actos administrativos para os julgar.

A PONTE DE PASSAGEM

O exercito soube exercer a sua missão na hora propria: com as armas da Nação, executou os desejos da Nação.

O que para ahi estava, arremedo funambulesco de uma ditadura de pequeninos fantasmas, não o queria ninguem e revoltava e enjoava os republicanos que viam o regimen emporcalhado numa mare alta e lamacenta de corrupção, que ameaçava tudo subverter e arruinar. Daqui gritámos que todas as revoltas se justificavam. Não temos de que nos arrepender por tal ter escrito.

O que ahi estava, não podia continuar *nem poderá voltar!*

Connosco estavam todos os republicanos, quasi todos, mesmos aqueles que, enfileirados no P. R. P, mais por amor ao partido do que por concordancia com a acção tragica de Antonio Maria da Silva, não manifestavam, nos organismos partidarios, a sua revolta e indignação.

Ao odio que nutriam pela Esquerda Democratica aqueles que, do glorioso P. R. P. se haviam apossado num directorio de suplentes, tudo sacrificaram, começando pelas bases mais puras do progama republicano!

Surgiu a questão dos tabacos e, porque de uma banda aparecia a defesa da liberdade de industria e commercio, logo esse directorio de traição lançou como escarneo ás faces do paiz a defesa intransigente do *monopolio* do Estado!

* * *

Contra tal attitude ergueu-se a Nação, ergueram-se, excepção dos democraticos, todos os republicanos. Dessa luta saiu, como primeiro sintoma do que para ahi está, a ditadurinha do sr. Silva.

O grito de guerra ecoou de norte a sul do paiz. A Nação *desarmada* não queria tal governo e não queria *monopollos*.

O brado de Revolução foi gritado alto e saíu tambem da nossa pena de republicanos convictos de que cumpriamos um dever. O Exercito, nesse momen o, compreendeu a sua missão e a força *armada* correspondendo aos desejos da Nação, lançou-se na lucha e venceu.

O Exercito deve ser o fiel e obediente executor da vontade nacional. A sua missão é a mais nobre e a mais levantada.

* * *

Mas o desempenho dessa missão é tanto mais dignificante, quanto maior é abnegação e o espirito civico que lhe devem corresponder.

Falsearia o Exercito a sua missão e o mandato do paiz se, após a victoria deixando predominar a influencia de um chefe, bem intencionado embora, mas rodeado de espiritos anti liberaes, reaccionarios e inimigos da Republica; se lançasse, contra os desejos da Nação e até contra a vontade de uma parte dos seus componentes, porventura, a mais nobre, no caminho perigoso da ditadura — da pior ditadura — a militar, a de uma casta!

Da revolta militar, tão nobre de intentos, tão estreitamente ligada aos desejos da Nação, não surgiria um governo nacional — nasceria um Cesar.

O governo saído da Revolução, seguindo o caminho da violencia nunca poderia fazer obra util para a Patria e para a Republica porque, devendo ser um governo de paz, seria um governo de *guerra*; porque devendo ser de civis, seria só de militares; porque, devendo ser de republicanos rodeado por republicanos, estaria — não o duvidem! — rodeado por monarchicos e, estes conseguiriam dominar porque os republicanos, fatalmente se afastariam,

* * *

«Contra a ditadura vimos pregando, mas não queremos, não o quere a nossa alma de republicanos que á ditadura do sr. Antonio Maria da Silva, outra se venha sobrepor: a ditadura pesada das botas altas do general sr. Gomes da Costa»!

Somos republicanos, honestamente procuramos traduzir o sentir do Povo, e certos estamos que pela boca dele falamos quando dizemos como agora: sr. general Gomes da Costa — não siga tal caminho!

Estariamos em marcha para a monarchia. A *ponte de passagem* seria o senhor! O senhor que se diz republicano e querer dignificar o Regimen.

OBRA NECESSARIA

A que vem o governo saído da Revolução!?

A Revolução surgiu correspondendo ao grito revoltado e angustiante do país perante tanto escandalo, tanta venalidade e tanto roubo. O governo que dela sair só cumprirá o seu dever, só merecerá a confiança da Nação, se souber compreender e escutar a vontade daqueles que dese-

jam ver os escandalos postos a nú, os roubos tornados conhecidos do povo e os ladrões castigados sem tibiesas nem olhares para a sua alta ou baixa situação social.

Porque o programa revolucionario, sendo vasto, é generalizado de mais, licito é que perguntemos:

A que veem ?

Dizer ao Povo o resultado do Inquerito ás contas entre o Banco Ultramarino e o Estado ?

Ordenar um rigoroso exame á escrita da Companhia dos Tabacos ?

Meter na cadeia os homens que, de 500 mil libras que os bancos deviam ao Estado, as reduziram a 30 mil, roubando o país em 470 mil libras ?

Dizer-nos porque, de 15 mil contos em acções que o Estado devia receber da Companhia dos Fósforos, só recebeu 3 mil ?

Anular os decretos publicados pelo ultimo governo na pasta das Colonias, favorecendo contra os interesses nacionais, descarada e ignobilmente, o Banco Ultramarino ?

Averiguar qual o ministro que, nesse gabinete, tinha intimas relações com tal banco e, dentro do governo, o servia e defendia ?

Prender os culpados dos escandalos temerosos e ainda não tornados publicos, das reparações ?

Fazer julgar rapidamente os homens do Angola e Metropole ?

A que veem !?

Reduzir os efectivos do Exercito que tão gravemente pesam no orçamento da nação ?

Anular o afrontoso decreto que concedeu uma subvenção á força armada ?

Olhar e acarinhar esses prestimosos elementos que são os honrados sargentos do nosso exercito ?

Permitir, regulamentar ou proibir esse cancro tremendo que se chama o jogo ?

Marcar o limite maximo dos vencimentos do funcionario publico ?

Terminar com as escandalosas acumulações ?

Resolver rapida e energicamente o instante problema das transferencias do dinheiro colonial ?

Dissolver e moralisar as policias e, em especial, a de investigação ?

Obrigar á liquidação rapida dos abonos feitos a varios funcionarios por comissões de serviço no estrangeiro e colonias ?

Olhar a serio para certas manobras dos varios cambões para ahí existentes ?

Estes, alguns dos pontos da obra administrativa moralisadora que, da Revolução, desde já, deve resultar.

Fazem os vencedores isto? Se o fizerem com intelligencia e eficacia, nós os applaudiremos!

Até lá, em todos os nossos numeros o perguntaremos, deixando ao Povo, *que está atento,*

o julgar, não das intenções dos que governam, mas dos seus actos e da sua obra, que é o unico elemento pelo qualju sticha se lhes poderá fazer.

O Povo está cansado de palavras e muitas, até de mais, se disseram durante esta semana.

Agora o que quer são *obras!*

O maior perigo para a Revolução são os monarquicos integralistas

Não temos que o negar, somos leais o suficiente para que não hesitemos em confessar que hoje, dentro do campo monarquico, os mais audazes, os mais inteligentes mas, tambem e para doxalmente, os mais sectaristas adversarios da Republica são os integralistas.

Nós gostamos de adversarios que se batam e lutem. Os rapazes dirigidos pelo sr. dr. *Pequito Rebelo* batem-se contra nós. Não hesitamos em aceitar o combate, mas exigimos que sejam leais como nós somos.

Os integralistas, directa e indirectamente, são dos mais activos elementos propulsores da revolução militar.

Quere isto dizer que o movimento foi monarquico?

Não! Quere dizer que os monarquicos procuravam e procuram ocupar nele situações de influencia, transformando a alma do Exército que diz querer dignificar a Republica, na *ponte de passagem*, a celebre ponte, para a monarchia!

São integralistas, julgamos nós, mas com certeza são pessoas estreitamente ligadas até por laços de familia ao sr. dr. Pequito Rebelo, orientador do integralismo, alguns officiaes que, junto do sr. Gomes da Costa, inteligentes como são, procuram exercer uma influencia que seria—não o duvidem! — funesta para o movimento.

Julgamos o general chefe das tropas revoltadas do Norte, pessoa incapaz de, propositadamente, fazer o jogo dos monarquicos, porque se tem affirmado republicano, mas conhecemos quanto podem certas influencias exercidas com audacia em periodos de perturbação, como e que estamos vivendo.

Estamos convencidos de que ninguem que, de perto, conheça os factos, achará descabida ou menos verdadeira a nossa affirmação e preven-

ção: o maior perigo para o proprio movimento do Exército é o integralismo, são os monarquicos!

São eles que se julgam já em terreno conquistado no Porto como em Lisboa. A' porta do Martinho, audazes, aguerridos, impantes e provocadores, os grupos civis da Acção Realista, de cacetes em punho, todas as noites, se pavoneiam com o seu *Bela Kun 2.º* (autentico!) e outros *valientes* na defesa da causa.

Eles estão no seu papel. Os republicanos civis e militares—e tantos são, para honra nossa—que fizeram a ultima revolução, é que não devem deixar que eles se alcandorem nos cocurufos da mandança como senhores e donos de um regimen que se procura dignificar.

São eles que mais alto gritam e defendem a ditadura militar á *poigne* e *ad odium!* Acautele-se o Exército republicano. Previnam-se os srs. Mendes Cabeçadas e Gomes da Costa! Eles querem perdê-los e transformá-los, aos srs. que republicanos são, em inimigos dos republicanos e traidores á Republica!

E, se não conseguirem os seus intentos, se do movimento não sair o regimen de violencia que eles desejam, *tudo* farão, de *tudo* lançarão mão para o provocar—até do *crime!*

Senhor general e senhor comandante: as forças liberaes republicanas não estão de cócoras perante os srs., mas não os hostilizam enquanto sobre elas não fôr exercida qualquer violencia, mas os monarquicos, os integralistas, querem lançá-los contra nós, querem provocar perseguições, para melhor agirem, para mais livremente tentarem o *golpe!*

Se os srs. não cometerem violencias, eles as provocarão com ataques que, aos republicanos e aos operarios, procurarão atribuir!

Aí fica o aviso.

Em Braga, em 29 de Maio

Palavras do general Gomes da Costa

No dia 29, em Braga, na hora incerta da luta o sr. general Gomes da Costa, em entrevista para o *Diario de Lisboa*, affirmava como resposta á seguinte pergunta:

Quais são as pessoas indicadas para o govêrno?

—O comandante Mendes Cabeçadas, um official superior cujo nome ajuda lhe não posso dizer e eu. Constituiremos, assim, um *triumvirato* apoiado pela Marinha e pelo Exército, e rodeado dum Conselho Tecnico, que será escolhido entre as pessoas que ofereçam maiores garantias de competencia e honestidade.

“O Seculo”

«A Revolução fez-se para a Nação e não para os vampiros da Nação»

Assim terminava o artigo de fundo de ontem do *Seculo*, órgão das forças vivas, defensor mascarado de todas as mais infames negociatas que teem ajudado a arruinar o país, órgão da Companhia dos Fosforos que roubou ao Estado milhares de contos, órgão de uma parte da moagem e órgão do sr. Pereira da Rosa, figura audaciosa de aventureiro ambicioso cuja torva acção terá que vir a lume, em breve clara e desassombradamente posta!

«A Revolução fez-se para a Nação e não para os vampiros da Nação»

E' verdade!

A Revolução fez-se contra os bandoleiros dos negocios escuros, contra os falsificadores do pão, contra os ladrões do Estado.

E esses, os grandes bandoleiros, os grandes ladrões, os grandes falsificadores, certos senhores da banca da industria e do comercio, ocultam-se detraz dos grandes órgãos da Imprensa. A Revolução terá de ser contra eles. Esta a vontade do Povo.

Contra eles e contra os politicos venais que não souberam resistir á onda tremenda de corrupção e emporcalhamento que, por sobre a Republica, lançaram os homens que, como os de *Seculo* mais alto gritam por moralidade!

O órgão da R. Formosa está seguindo, vem seguindo de ha muito, o velho conselho, popular: «Chama antes que te chamem»
Miseraveis!

Porque não prova?

O sr. general Gomes da Costa que, embora ainda vigoroso, está já numa idade avançada e tem o cerebro cansado por uma espirital labuta de muitos anos de ardua e tormentosa vida, afirmou no Porto, segundo dizia o *Seculo*, que o sr. dr. José Domingues dos Santos era um *bandido* estava *rico*, que se *vendeu* ao Angola e Metropole e outras empresas ruinosas para o paiz.

O sr. general deve ser uma pessoa ponderada. Quando tal afirmou é porque podia provar. Nós aguardamos, pois, que o chefe da revolução do norte *prove* o que afirmou.

Por nós, certos estamos que S. Ex.^a não provará, sinceramente lamentando que o sr. general, dando ouvidos a caluniadoes, deles se faça eco contra um republicano e homem de honra.

Creia, senhor general, que o sr. dr. José Domingues dos Santos não possui de seu nem sequer a centessima parte do que V. Ex.^a gastou ao Estado na sua util viagem de inspecção ás tropas do oriente. E dizemos util sem ironia.

PARA QUÊ?

Um tecnico, official do Estado Maior do Exercito, avaliava em 500\$00, para mais e não para menos, a despesa feita com cada soldado, que das tropas revolucionarias, entre em Lisboa.

A ser assim se *sobre* Lisboa marcharem e na cidade entrarem 20 mil homens, o país terá gasto 10 mil contos com a parada que, hoje, quinta feira se anuncia a acompanhar a entrada do Gómees da Costa.

Dez mil contos que nós reputamos gastos escusadamente numa ostentação de força desnecessaria e que não poderá deixar de trazer ao espirito de quem, a ela, assistir a duvida sobre a realidade das futuras e anunciadas economias.

Dez mil contos para quê?

Esbanjando sempre

Não sabemos porque fatal séstro, o P. R. P. em desvairada róta, se vem lançando, dentro dos organismos nacionais onde se encontra, no triste e revoltante caminho dos esbanjamentos.

Na Camara Municipal de Lisboa, cuja anterior voreação composta de democraticos e monarchicos tão triste prova deu, deixando as finanças camararias em ruina absoluta e provocando, cremos que com razão, o surgir em publico de graves e *impunes* escandalos, encontra-se hoje ainda uma maioria democratica que novos esbanjamentos vem cometendo.

A voreação actual, que diz não ter dinheiro para pagar aos operarios, resolveu ha poucos dias... *comprar automoveis!*

Tenham, embora, fome os operarios, mas andem bem repotreados os srs. vereadores!...

Eduardo Faria

Volta a colaborar n'*A Choldra* este nosso querido amigo.

Um abraço leal e algumas palavras sinceras fizeram desaparecer um pequeno incidente que ocasionára o ter, nos nossos dois ultimos numeros, suspenso a sua colaboração.

O lapis de Eduardo Faria estará, pois, a nosso lado como valiosa arma para o grande combate que a alma republicana sente ter de oferecer aos inimigos da Liberdade.

Estamos bem acompanhados.

Bombardear Lisboa

O sr. general afirmou, ainda antes da sua entrada na capital, que, se fosse necessario, bombardearia Lisboa. A cidade, o heroico e republicano povo de Lisboa, leu esta afirmação do seu patricio ali, da freguesia do St.^a Izabel e prasmou! Pasmou mas não esqueceu.

Fatima é o roubo permitido

As consciencias liberais devem prevêr à extinção do mau negocio

Fatima, mais do que uma manifestação de fé religiosa é uma demonstração do atrazo mental e da ignorancia em que vive o povo português —principalmente o povo que depende economicamente dos caciques e tem a sua vida orientada pelo padre das vilas e das aldeias. As multidões de Fatima compõem-se quasi exclusivamente de pessoas que vivem na miseria, na dependencia e na ignorancia que caracterizaram seculos longiquos.

A fé existente em Fatima, ou antes, a fé que tem naquello ermo quartel general e campo de manobras duas vezes por ano é a fé dos humildes—humildes que vivem na mais deploravel das explorações e no mais desolador dos embrutecimentos. Arrancá-la dos padres, dos caciques, libertá-la de todas as Fatimas de superstição e de ignominia equivale a operar nelas uma modificação profunda que as impeçam de sentir como, brutos para passarem a pensar como h mem.

Por muito confrangedor que seja assumir atitudes severas perante a miseria sordida e a estupidez fossil daqueles desgraçados, vemo-nos forçados a proclamar que aqueles pobres diabos que constituem o exito de Fatima teem da dignidade humana o mesmo conceito que podem dela possuir os inferiores animais do estabulo.

Argumenta-se aí, a miude, com grande poder moral da religião. As multidões de Fatima revelam exactamente que os sectarios de Pio XI consideram como a maior das perfeições—uma multidão que se embriaga de fé e de vinho, que vive entre a igreja e a taberna procedendo de acordo com a selvajaria que a sua superstição revela e obedecendo ao instinto, tal qual o homem da cidade das cavernas. Essas multidões que os jornais reaccionaries citam com desmedido orgulho, nem so menos sabem soletrar e teem da escola a ideia que o padre lhe forneceu uma coisa inventada pelo diabo com o fim de perder as almas e arrojá-las, duma assentada, toda a humanidade nos honores biblicos do inferno.

E quando nós refletindo a desditosa existencia destas dezenas de milhares de desgraçados, ouvimos reclamar a liberdade de ensino para a igreja catolica, encontramos verdadeira e justa a affirmação de Victor Hugo: o que a Igreja reclama não é a liberdade de ensino, mas a liberdade de não ensinar...

*

A Igreja precisa urgentemente de dinheiro. E a paixão que pelo vil metal nutrem os mais obstinados agiotas e avarentos, paixão que se converte na mais perigosa, nefasta e anti social das manias, nada é em comparação com o amor

intenso que sentem pela riqueza as que se dizem representantes duma religião que com Cristo á frente, desprezava todos os bens da terra e dessa suprema e fatal renuncia fazia a mais importante demonstração de fé.

Dessa paixão pelo dinheiro não estão isentos os proprios papas; não estava isento o proprio Leão XIII apresentado como um dos mais puros representantes de Cristo, pois que se lançou em tão atrevidas e ambiciosas especulações sobre os terrenos de Roma, quando ella passou a ser capital da Italia, que o tesouro, o vasto tesouro da Igreja, ia ficando seriamente comprometido.

Fatima revela essa sordida paixão do dinheiro que tradicionalmente corroe a Igreja, Fatima—é um negocio, inspirado pelo negocio de Lourdes. E é um negocio altamente rendoso que se exime a todos os encargos e impostos e não corre o risco nem do empate nem da perda de capitais.

O capital—é dos fleis. E nunca se sabe a quanto remontam esses capitais. As contas de Fatima são as contas de Deus—e as contas de Deus são contas de sacco. Todos os anos se despoja o povo dos fleis de somas enormes, que montam a cifras astronomicas. E não vem a publico, ao menos por um prurido moral, da hipocrita moral que ressalva as aparências, a soma de dinheiro roubada a uma multidão de desgraçados que arranca ao seu estomago, á sua existencia, a maior porção de dinheiro para o ir entregar a um charlatão que está junto á imagem de Nossa Senhora de Fatima—que pode muito bem meter, no bolso, metade da pecunia sem que ninguem possa demonstrar que elle roubou os fleis e os que inventaram aquella ratoeira onde fica a economia de dezenas de milhares de pessoas.

*

Que seja um sujeitinho sem escrúpulos ou emprezarioo de Fatima quem roube os fleis pouco importa; o principal é que ellos sejam ignobilmente roubados. E aqueles miseraveis apóstolos que vendem o ceu e mercadejam o prestigio de Cristo não tem o menor escrúpulo em roubar á miseria o pão de cada dia e o sustento dos velhos e das crianças.

Acabar com a romaria de Fatima só pode ser considerado uma violencia desde que se defenda a legitimidade do roubo. Nós que vivemos do nosso trabalho não podemos ficar indifferentes ao roubo praticado entre os que regresam de Fatima a pé, porque proferem lá deixar o ultimo centavo a pagarem o logar numa modesta carinhola.

EM MOÇAMBIQUE

As manobras do Banco Ultramarino
no protector de batoteiros
e capa de assassinosUma carta do director do jornal "O Portugal"
de Lourenço Marques

Do nosso amigo sr. Figueiredo Lima recebemos a seguinte carta que, na integra, publicamos e pela qual os nossos leitores verão que, quando julgamos de justiça, nunca hesitamos em verberar a attitude seja de quem for—mesmo dos amigos. Figueiredo Lima defende-se e accusa. Certos estamos que fala verdade.

Lourenço Marques, 28 de Abril de 1926.

Meu caro Eduardo

O nosso comum amigo — ribatejano moço que se dispoz a transpor estas paragens — José Anacoréta, ofereceu-me alguns numeros da tua «Choldra», que não conhecia ainda, e que vem, como era de esperar, estuante de fé republicana, Felicito-te por isso. No numero 5, porem, a alturas tantas da 14.ª pagina, e sob o titulo «Moçambique» vem uma noticia que profundamente me magoou. As injustiças ferem mais quando partem dos amigos, e muitissimo mais quando esses amigos foram os nossos antigos companheiros de luctas.

Dizes tu, meu caro Eduardo de Sousa, que nesta cidade existe um homem, que na Esquerda Democratica afirma estar filiado — Eu, —mas que pela sua forma de agir, parece porem, não o estar, visto atacar os operarios, deturpar os factos, e fazer o jogo dos elementos mais reaccionarios. Acrescentas ainda que um tal corelegionario não serve á Esquerda Democratica, e que já os dirigentes do agrupamento politico, na metropole, lhe officaram a convidá-lo a arrepiar caminho ou a sair!

Como pudeste tu, acreditar que eu atacasse os operarios, deturpasse factos, e fizesse o jogo de quaisquer elementos reaccionarios, se tinhas o meu passado de republicano intransigente a contradizer todos os dilates e infamias que os reaccionarios — SÓ OS REACIONARIOS, notal — reservadamente me attribuiam? Iludiram-te, e tu não tivestes coragem para reagir. Foste muito injusto para comigo! Supuzestes por momentos que o operariado de Moçambique tinha a consciencia dos seus actos e possuía à sua frente homens de envergadura moral incapazes de o arrastar ao precipicio. Pensaste mal. O operariado de Moçambique sofre os mesmos males que tu condenas a paginas 7 do mesmo numero da «Choldra». Com uma agravante ainda: — é que actua segundo as ordens de alguns *accedios* do partido democratico. Tenho 20 anos desta Colonia, e comprehendes, portanto que devò conhecer a sua psicologia...

Um pouco de historia

Em 1918, quando eu e poucos mais nos batiamos contra a ditadura de Sidonio, e accusavamos o governa-

dor geral Massano de Amorim de monarchico confesso, e de perseguidor de republicanos, eram os ferro viarios que abandonavam as fileiras liberais para darem o seu apoio a Massano de Amorim, governador geral de Sidonio, porque este lhes aumentou os vencimentos em 30 escudos mensais! Os 30 dinheiros de Judas! Mais tarde fizeram uma greve, e o governador geral interino dr. Moreira da Fonseca, prendeu-os em massa, fe-los julgar em concelho de guerra, perseguiu-os acintosamente, e reduziu-os á obediencia mais vexatoria possivel. Sabes o que eles fizeram mais tarde? Movidos pelos elementos *moreiristas*, democraticos na sua maior parte monarchicos, hostil, e que nem sequer pensara alguma vez em diminuir-lhes as regalias. Não pense que digo isto por que algum interesse tenha em defender o actual Alto Commissario. Ele é, e ha de pela certa continuar a ser bonzo, enquanto qu' eu nada me afastei ainda nem penso em afastar-me dos principios que tantas vezes juntos defendemos, especialmente nessas primeiras jornadas de propaganda que deram a alma e o ser á Esquerda Republicana. Falo por um principio de justiça, e por uma questão de lealdade que tem sido o timbre de toda a minha vida.

Fundei, quando aqui cheguei, o Centro Republicano da Esquerda Democratica, agrupando á minha volta aqueles antigos republicanos que a desautindade voracidade dos democraticos *moreiristas* haviam levado ao desanimo, ao abandono completo da actividade republicana que vinha desde os tempos da propaganda. Eram os meus antigos companheiros de lucta, ligavam-me a eles as saudosas recordações do passado. Sabes qual foi a politica seguida no «Portugal» que era o órgão da Esquerda Democratica, porque o no so «Mundo» transcreveu por vezes trechos da sua prosa. Defendi os operarios, pugnei pelas suas regalias, e procurei libertá-los das ligações pouco decentes que os prendiam ao partido democratico. Pois responderam ao «Portugal» com insultos, repellido a mão que se se lhes estendia para os proteger. Em contraposição, jogavam a oculias com as promessas que lhe fazia um antigo expulso de Lourenço Marques por desafecto ás instituições. Solipa Norte, o alma danada de todas as campanhas ultimamente feitas na metropole contra mim. E' ajudei a expulsar daqui em 1911, por meio duma moção aprovada unanimemente no velho Cento Republicano Couceiro da Costa, esse asqueroso reptil que cobria de baba peçonhenta a Republica e os seus homens mais representativos. Esta é a origem do seu odio.

O dedo do gigante

Agora, sabes tu quem movimentava Solipa Norte Horacio Pires, e tantos outros com praça assente nos bonzos, procurando por meio deles estabelar o Alto Commissario por causa da sua politica financeira? O BANCO NACIONAL ULTRAMARINO!!! Nos livros deste

A CHOLDRA

estão os sudários em aberto, que provam as somas colossais levantadas por essas aves agoirentas da política. A greve ferro-viaria, precipitada e sem justificação possível, visto que a Reorganização em nada diminuiu ou cerceia as regalias do operariado, como vais verificar pela conferência do comandante Raul do Amaral, que te envio, foi obra dos elementos *moreiristas*, e tinha o objectivo, fazer cair o Alto Comissário, substituindo-o por Moreira da Fonseca, antigo monarquico, e rancoroso temível, que recrutava os seus correligionarios entre os individuos que beneficiava com largas concessões de terrenos, quando era governo, concessões que eram e estão ainda a ser passadas, á posse de elementos estrangeiros. Numa dessas concessões, cuja escritura tenho presente, figuram entre outros associados, o conservador do registo predial dr. Pina Cabral, *moreirista*, J. J. Morais, *moreirista* igualmente e antigo comerciante falido, mais outros *moreiristas* de igual jaez, e os dois gerentes do Banco Nacional Ultramarino!

A greve foi provocada pelos *moreiristas*, que nada de comum tinham com os operarios, e alimentada pelo alcapão de magia do Banco Ultramarino, que pagava á farta aos *meneurs* grevistas. O grosso do operariado entrou na greve ludibriado. Hoje é essa a doutrina assente.

Os batoteiros em acção

O governo ganhou a greve, e os grevistas ficaram verdadeiramente na miséria. Sabes quem tem conseguido empregar alguns? Eu, o homem que tu acuzas de atacar os elementos operarios!

Mas... a morte do commissario da policia, o heroico combatente da Serra M'kula capitão Henrique de Sousa veio revelar outros *dessus* da greve ferro-viaria. Pela confissão dos assassinos soube-se que os atentados pessoais estavam planeados ha um ano, porque o governo mandara encerrar as casas de batota. Sabes quem são dois dos assassinos? João Ramos e Francisco Rodrigues, operarios, o primeiro do comité da greve ferro-viaria.

O Serafim Pombal, dono da casa de batota, o mandante dos crimes, oferecia aos assassinos 2000 libras para o comimento dos atentados. Ele não as tinha.

Donde lhe vinha o dinheiro para pagar aos criminosos? Sabes quem emprestou aos batoteiros perto de seiscentos contos para jogarem? O Banco Nacional Ultramarino.

Lá estão nas contas devedoras de Eduardo Lino de Oliveira Belo, e de Serafim Pombal.

O Banco tem neste caso a maior das responsabilidades morais.

Está suspensa a publicação do «Portugal». Sabes porquê? Porque tendo feito a campanha moral contra o Banco Ultramarino, apoiando a obra de saneamento financeiro do actual Alto Comissario, e a isso se resume o meu apoio ao sr. Azevedo Coutinho, o Banco resolveu declarar-me guerra de morte. Primeiro Mandou-me insultar em manifestos assinados por um bandido de nome João Carvalho de Almeida, lacrau, que felizmente para mim juntava sempre ao seu nome a qualificação de republicano sidonista, o que evitava as confusões, e depois, valendo-se da sua situação privilegiada de credor de todas as oficinas graficas desta cidade, prohibiu as a todas de comporem e imprimirem o «Portugal». Como este não tinha officinas proprias... suspendeu temporariamente a publicação. Ainda me fizeram varias propostas, sendo uma delas para defender determinado ponto de vista do Banco relativamente ás cambiais, mas eu preferi suspender o jornal. Acima de tudo sou republicano e patriota.

Manobras de traição á Patria

Aqui tens, um pouco de historia sobre tudo quanto se passa em Moçambique. Contudo, não quero deixar de te por ao facto de mais uma tratantada de Solipa Norte, cuja vida te poderá ser melhor revelada pelos

drs. Brito Camacho, Alvaro de Castro e Heitor Passos, que tiveram occasião de conhecer aqui e que portanto conviria que entrevistasses, prestando assim um relevante serviço á causa nacional desta provincia. Aconselhou os dirigentes da greve, elementos da sua confiança, a solicitarem a intervenção estrangeira em Moçambique. Vem no «Star» e no «Rand Daily Mail» da Africa do Sul as cartas que daquí foram enviadas para a União. No Congresso realizado em Port Elizabeth tambem se leram cartas dos dirigentes grevistas portugueses, aconselhando o governo da União a cortar relações com o de Moçambique por força da greve ferro-viaria!

Um cortejo de mulheres de grevistas, planeado por Solipa Norte, foi postar-se em frente do consulado inglés, e dar vivas á Inglaterra! Já viste maior infamia?

Por ultimo, como Solipa Norte disse na *Batalha* que eu até mandara assassinar o *honesto* operario Raul Ferreira — tu, Eduardo, sabes que eu sou incapaz de desejar a morte a alguém! — devo dizer-te que esse *honesto* operario tinha sido um dos autores do descarriamento ao quilometro 7, cujo atentado se destinava a um comboio internacional de passageiros, que havia de fatalmente provocar contra nós a União Sul Africana. Morreu quando com uma das suas habituaes discussões, p.ovocava um homem do povo, que se defendeu a tiro, e com que a minha acção de jornalista nada tinha. Mas... só me não atribuíram os crimes de João Brandão por este ter morrido antes de eu nascer.

Recebe um abraço do teu amigo, se é que não esqueceste as afirmações de fé republicana que muitas vezes juntos fizemos, e dispõe dele como antigamente, sem re-ervas, e como batalhadores que somos pelo triunfo dos principios.

FIGUEIREDO DE LIMA

«Regie», monopolio ou liberdade!?

E' necessário que o governo revolucionario diga ao país que solução adopta

A' hora em que sair este numero já devo estar constituído o novo governo constitucional. Saia ele de uma revolução formada na atmosfera de revolta contra a solução que o sr. Antonio Maria da Silva pretendia dar a questão dos tabacos.

A causa proxima da revolução, a maior causa foi este grave problema.

Necessario se torna, pois, que o governo, diga á Nação, qual o caminho que vai seguir:

Regie, Monopolio ou Liberdade!?

DESCONFIA

daqueles que, misturados com o Povo, quando, tu que és republicano, victoriaras a força publica, a assobiam ou apuparem.

São teus inimigos, são agentes provocadores pagos pelos que defendem a dictadura.

Eles não desarmam: nem os monarchicos, nem os bonzos. Desconfia!

O ensino para todos

O que devem ser na democracia a instrução e a educação, segundo o programa exposto por Eduardo Herriot, chefe do partido radical-socialista

Dos pontos mais essenciais do programa defendido pelos democratas franceses é a transformação do actual estatuto universitario da França, transformação fundada no principio de que a unica revolução social eticaz e legitima é a que se produz pela difusão normal da instrução. Todas as demais formulas revolucionárias não passam de demagogia verbal.

Imaginemos por exemplo, os operarios apoderando-se de uma fabrica de electricidade e tentando administrá-la em proveito proprio? Seria uma pretensão ridicula, se não houvessem adquirido préviamente os conhecimentos necessarios, quer dizer, se eles mesmos não se houvessem tornado engenheiros. A experiencia italiana aí está para demonstrar que a violencia anarquica conduz ao fascismo.

A propria Russia Sovietica compreendeu que a instrução está na base de toda organização moderna do trabalho. O governo russo tratou de abrir amplamente as portas da escola ao operario e ao camponês. Viu-se limitado no seu esforço pelas dificuldades financeiras, mas assim mesmo multiplicou as escolas profissionais e as escolas de agricultura, criou as curiosas faculdades operarias, modificou o programa das chamadas escolas intermedias, tomando por base o conhecimento dos factos reais, das sciencias de observação. Julgada com independencia e imparcialidade, a pedagogia sovietica não é destituída de certo valor. No dia em que o povo russo se torne culto, volverá por si mesmo aos principios e aos metodos da democracia.

Compreende-se que, desejoso de restituir á França o seu aspecto tradicional de grande nação educadora, preocupados em ver o nosso país impor-se pela força das idéas muito mais do que pela força das armas, tenhamos preparado um programa de educação escolar. Esse preparo foi objecto da importante «Semana da Defesa Laica», cuja tarefa tem proseguido sob os auspícios da Escola de Altos Estudos Sociais.

Ha o habito de apresentar-nos a nós, radicais e radicais-socialistas, sobretudo no estrangeiro, como se estivessemos preocupados, antes de tudo, pela luta anti-religiosa. Define-se o nossa laicismo como uma especie de *anti-religião*. Tal conceito é completamente erroneo. Entendemos dar á palavra *laico* o seu sentido primitivo e original. O que é laico é o que pertence ao povo inteiro. . .

A laicidade, como a compreendemos, não menoscaba de nenhum modo os interesses nem a liberdade dos cultos. Seriamos perseguidores intolerantes se pretendessemos restringir os direitos de um só judeu. Mas do mesmo modo que na ordem politica permanecemos empenhados na absoluta separação do poder temporal e do poder espiritual, mais necessaria em França do que em outra parte devido á vivacidade, dos sentimentos, defendemos tambem a laicidade, isto é, a neutralidade de escola. . .

Mais do que as doutrinas relativas á forma da «escola», sustentamos teorias que nos parecem necessarias para assegurar com exito a «liberdade e egualdade de direitos», reconhecida pela velha «Declaração dos direitos do homem». Nós democratas franceses, queremos volver aos famosos planos de 1879, ao celebre programa de Condorcet: reatar uma obra interrompida pelo Imperio e a Restauração, proseguir os esforços da Terceira Republica. . .

As classes dirigentes, cuja necessidade proclamamos, se recrutam em uma categoria privilegiada, e não no conjunto da massa social. Pois bem, uma democracia necessita de chefes. Para isso é mister que esses chefes sejam recrutados de acordo com a lei da livre competencia. Convém, pois, reorganizar, de conformidade com esta ideia, todo o estatuto escolar.

E' indispensavel que a escola primaria leve o ensino a todos. O maior crime dos que governam — escrevia Erckmann-Chatrian — consiste em negar a instrução aos miseraveis, para que a raça nobre se mantenha sempre em cima. E' como se arrancassem os olhos aos homens, quando vêm ao mundo, para tirar proveito mais facilmente, sem nada receiar, do seu trabalho. Desta noção procede a nossa campanha em favor da escola primaria unica, isto é, da escola considerada como unico centro de recrutamento para o ensino secundario. Não queremos que esse ensino seja reservado a uma só classe burguesa. Queremos que seja tambem acessivel ao proletariado, que cessaria por isso mesmo, e sómente por isso, ser um proletariado.

Compreenda-se bem! Não entendemos abolir o ensino particular, que pode seguir, em virtude da lei que o protege, o programa que quizer. Mas não queremos que o ensino do Estado haja, «a priori», classes sociais. Queremos que o ensino secundario seja a continuação do ensino

SEMPRE JUSTOS

Aqui atacámos com violencia de que não nos arrependemos, a acção politica do sr. Antonio Maria da Silva, mas, porque atacámos a sua acção corruptora e as suas violencias e ilegalidade, mais forte rasão temos, mais obrigados nos sentimos a gritar aos que hoje cantam victoria e se sentam no poder que não podem esquecer as normas da sã justiça,

O sr. Silva foi, e quem sabe se ainda será, um homem funesto para a Republica. Só ele pelos seus erros, poderia conseguir o milagre de tão heterogeneos elementos juntar, para lhe oferecer combate, mas não será com processos identicos ao dele ou peores que os revoltosos se conseguirão impôr.

A forma como foi demittido — *só a forma* — de director dos Correios e Telegrafos o ex-chefe do governo é estupidamente violenta.

Criou uma vitima onde poderia estar um culpado, pois certos estamos de que, se uma sindicancia se fizesse, graves irregularidades seriam encontradas naquele serviço de que o sr. Silva seria o responsavel.

Castigue-se, demita-se. mas com intelligencia, com justiça e não com odio.

O sr. dr. Bernardino Machado saiu da presidencia da Republica. Saiu nobre e patrioticamente.

Saiu obrigando-os a curvar respeitosamente perante a sua alta figura de republicano e pa-

primario, e não um ensino completo, distincto desse primeiro grau de ensino. Declaramo-nos contra as teorias expostas pelos srs. Barrás e Bourguet, em livros celebres que se intitulam «Les Déracinés» e «L'Étape». Sustentamos o que chamamos a Escola Unica...

Em seguida o sr. Herriot expõe o programa da Escola Unica, que deve manter durante o curso primario, durante dez anos pelo menos, os jovens franceses em contacto estreito. Aos 14 anos de idade tratar se ia então de realizar a necessaria selecção entre eles, seguindo-se nesse trabalho um regimen seguro e criterioso. A flor e nata dessa geração chegada á adolescencia seria encaminhada para as universidades. Semelhante reforma, ou para melhor dizer, semelhante revolução teria que lutar com as mais terriveis dificuldades para a sua applicação.

O regimen universitario da França, que se tem elaborado lentamente desde o seculo XVI, compõe-se toda uma serie de instituições de diferentes idades. Haveria que romper muitos tabiques separativos. E, por exemplo, haveria que escolher entre o sistema napoleónico das grandes

triotas. O governo que aí está presidido por um republicano é constitucional, não está ainda em ditadura e o seu aparecimento não provocou graves complicações devido a Bernardino Machado.

Nós não o esquecemos. A Republica não esquecerá.

Certo é que os democraticos tambem o não esquecem mas por razões bem diferentes das nossas: o sr. dr. Bernardino Machado tirou-lhes os motivos para a especulaçõsita costumada.

*

Varias vezes temos aqui atacado o sr. Ferreira do Amaral, como comandante da policia. Em cousciencia temos sido justos e com justiça tambem falamos agor., ao dizer ao illustre combatente da Flandres que é comovidamente que o saudamos.

O sr. Ferreira do Amaral numa hora em que tantos estão de cócoras ergueu-se alto a defender a Republica. «Um governo, uma constituição e uma Republica, sim; outra cousa, não!»

E' a fala de um spartano. Foi um telegrama que salvou a Republica! Não o deve esquecer o Povo.

*

Regressaram os republicanos de Almada. Quando serão julgados os deportados da Guiné?

Quando serão julgados todos os que gemem nas cadeias da Metropole vitimas de uma policia sem escrupulos!?

escolas e o sistema republicano das universidades. Toda essa tarefa me parece tão importante que estamos resolvidos a lutar contra todos os obstaculo».

A Inglaterra mostrou-nos o caminho. No dia seguiu te ao da votação da lei escolar de 1918, a vasta cidade industrial de Brasford realizou essa coordenação dos ensinõs que desejariam aplicar a toda a França. Já neste ponto, o ensino secundario em Bradford se recruta por meio de selecção entre o ensino primario. E' um exemplo e uma lição. Saberemos inspirar-nos nelas. Não ha transformação social possivel nem legitima, em um país livre, senão pela difusão do ensino.

As revoluções seriam menos numerosas se os povos soubessem conservar a liberdade como a sabem conquistar.

Ruiz Bastos.

Emquanto não fizerem senão lastimar-se, não lhes concederão o que pedem. Façam se temer.

Helvetius.

Guerra aos caciques!

Opiniões de antanho que parecem opiniões de agora

Quem olhou, com olhos de ver, para as ultimas eleições não pode deixar de ter reconhecido que o grande, o terrível mal de que padece a sociedade portuguesa é o caciquismo, em todas as suas modalidades.

Temos o caciquismo administrativo, o caciquismo patronal, o caciquismo clerical e o caciquismo essencialmente politico.

Seja, porém, qual o genero a que pertencer e sem se modificar perante a variedade do terreno em que tem de exercer a sua influencia, o cacique reresenta sempre a negação violenta da doutrina fundamental das sociedades democraticas.

A democracia baseia-se na intervenção da vontade popular na marcha dos negocios publicos. Apesar de todos os defeitos que se lhe possam apontar, a representação do povo pelos que os sufragios da maioria escolhem ainda é, neste momento, a forma unica de dar efectividade á ideia de devolver á nação a posse e a livre disposição dos seus destinos e dos seus interesses.

Realisa-se este sistema de delegação de poderes, que o espirito contemporaneo faz emanação exclusiva da soberania da colectividade pela eleição.

Deficiente, incapaz de satisfazer a todas as reclamações da justicia social, o processo da escolha, por soma de sufragios individuais, dos chamados representantes da nação é o unico que de algum modo subordina a maquina legislante as tendencias do grupo nacional, regional ou urbano, sobre o qual têm de incidir as instituições politicas, economicas, sociais e morais que regem os homens nas suas varias formas de aglomeração.

O caciquismo é nada mais nada menos do que a recusa, disfarçada, não importa por que processos, do direito, que os cidadãos têm, de confiar a pessoas a seu ver competentes o encargo de nortear a factura dessas instituições. E sendo assim, o cacique assume o papel de um elemento extranho ás necessidades colectivas, contraria sempre o desenvolvimento progressivo da sociedade e propende invariavelmente para as ideias regressivas e os principios reaccionarios, nos quais se estriba o seu espirito conservador, naturalmente aterado pela possibilidade de perder um estado de coisas em que só encontra vantagens pessoais.

O caciquismo administrativo é uma burla, pura e simplesmente uma burla. E' a captação do eleitorado por meio de obras de utilidade local e melhoramentos clamorosamente pedidos, e afinal concedidos, para *tapar a boca* aos recalcitrantes e exigir-lhes, por gratidão, a paga em votos, de serviços publicos, custeados com o produto das contribuições.

E, quando se não emprega este recurso, é a ignominiosa afirmação de que o funcionalismo, que da nação aufere ou deve aufereir tão somente a remuneração do seu trabalho, pertence ao Estado e dos representantes eventuais do Estado tem de receber o santo e a senha, entregando o voto, que é a propria dignidade e a propria liberdade, á oligarquia dominante, constituída em senhora de escravos de nova especie, para se beneficiar e para se locupletar á custa do maior numero.

Ao governo cacique adere, com toda a furia da sua cruel ganancia, o patrão-cacique, que leva os operarios á urna, sob a ameaça do encerramento das fa-

bricas ou da despedida dos assalariados... Esse vai pagar a certos influentes politicos os favores recebidos tantas vezes com prejuizo de milhares de pessoas: estradas, pontes, e apeadeiros que lhe diminuíram o custo dos produtos e lhe aumentaram as ensanchas do ganhunço; protecção pautal, que, encarecendo a vida de muitos, abarrotam os cofres de meia duzia...

O operario, que vota com o patrão e contra a propria opinião, é roubado—coitado!—duas vezes: uma, no salario que sempre permite que o patrão faça fortuna; outra no voto, que representando para o patrão lucros indirectos fartisimos, para o infeliz servo da mais torpe plutocracia constitue apenas nova garantia de força dada ao seu algoz pelos politicantes assim eleitos...

O clericalismo é outra maquina de extorsão de votos. A ignorancia do nosso povo confere aos clericais uma força consideravel. São eles que, abusando dos pavores multiplos que dominam o espirito supersticioso, mais supersticioso do que religioso, dos portugueses, alcançam votos, graças ás habilidosas insinuações de pactos dos liberaes com o Mafarrico, ás ameaças de que monstros saírao das entranhas das mulheres dos que guerreiam a seita negra e as explicações de todos os cataclismos e desgraças pela irreligiosidade e impiedade de que exornam os seus adversarios.

Este caciquismo médra por simples cobardia dos governos, quando não é em virtude do proprio favor dos governos. As igrejas servem para essas prédicas indígenas e o confessorario instila os mais ruins venenos na alma simples dos homens e das mulheres do povo.

Acima de todos estes caciquismos, paira o caciquismo politico, o dos homens do governo. Revela-o o espirito sistematico com que têm oposto e opõem todos os chamados estadistas da monarquia á campanha daqueles que querem a verdade do sistema representativo.

Em vão pedimos leis que garantam o direito de votar aos que possuem capacidade eleitoral; leis que assegurem ao eleitor o livre exercicio do voto; leis que punam, de facto, os defraudadores da vontade nacional; leis que acautelem a representação das minorias...

E' tempo perdido. O caciquismo politico envolve todos os poderes constitucionais. Revela-se no poder moderador, que permite aos seus famulos a mais desenfreada galopinagem, como tolera aos seus ministros, demissiveis *ad nutum*, a mais desavergonhada apostasia das promessas que, nas falas do trono, colocam nos seus irresponsaveis labios, em materia do direito eleitoral.

Denuncia-se na subserviencia com que o poder legislativo se prestou ao alargamento da circunscrição eleitoral e á *porcaria* que todos têm por ignobil, mas ninguem revoga. Resalta da indiferença com que os deputados e os governos monarchicos assistem ao desfiar das sessões legislativas, sem um projecto de lei eleitoral decente, e patenteia-se no prazer com que todos os governos e parlamentos, compostos, aliás, dos mesmos comparsas, apolam as mais contraditorias ideias eleitorais, ora restringindo a capacidade do eleitor, ora alargando-a, ora favorecendo a representação das minorias, ora sofismando esse mesmo principio.

E como se nada disto fosse sufficiente prova da

A atitude da organização operaria no actual momento

A atitude da organização operaria perante os acontecimentos merece especial atenção dos verdadeiros republicanos. Não existe nos meios operarios outra preocupação que resistir a todas as tentativas de estabelecimento de qualquer ditadura. Depois disto, a organização operaria torna-se indiferente todas as situações governamentais.

Perante a ameaça reaccionaria de um regime de opressão, a C. G. T. alarmou-se e alarmou a classe operaria. Felizmente, a ameaça reaccionaria vai-se afastando e a C. G. T. vai recuando da sua attitude belicosa para uma attitude espectral. A greve geral, que teria unicamente aspectos violentos, parece ser coisa provavel.

Declarando-se a C. G. T. estranha a todos os movimentos politicos, e desprezando a sorte do partido democratico, causador do mau estar e das inquietações da hora presente, o operariado nela feliado não teria mais que aguardar os acontecimentos para melhor e mais definitiva mente se pronunciar.

E os acontecimentos vão demonstrando que diminui sensivelmente o perigo da hora mais intensa deste periodo angustioso que vimos atravessando. Os militantes da C. G. T. estão encerrando o actual momento — o mais historico na vida da Republica, dos mais notaveis na nossa vida social — com um raciocinio de rara clareza.

Não querendo aceitar sem protesto e, inevitavelmente, sem luta, a imposição de uma ditadura, a C. G. T., pelo que se infere da sua attitude e das opinões que particularmente manifestam os seus representantes, não quer igualmente que os seus actos publicos contribuam para agravar a situação. E' que o menor agravamento da actual situação, que tantas inquietações produz já no espirito liberal, geraria perigos e factos que ameaçariam fatalmente quantos possuam sentimentos de justiça e humanidade. E os operarios, ainda os mais pacificos, ainda os mais indiferentes, não suportariam a menor soma de rigor.

Vê-se que a organização operaria, que foi adversaria implacavel de uma abjecta ditadura

politica, felizmente, aniquilada e sem esperança — se o quizermos todos, liberais, democratas, sindicalistas — de resurgimento, não está disposta a favorecer uma outra ditadura, quer politica, quer militar, quer duma classe ou dum partido.

A C. G. T. coloca-se onde deve estar, sem se preocupar com a sorte de um partido geralmente odiado, mas preocupando-se de evitar que a opressão reaccionaria peze sobre o povo. Outra attitude, porventura, insensata ou precipitada que a C. G. T. viesse a tomar — hipotese inadmissivel — só contribuiria para se colocar sob o perigo de dar razão a quem nunca a teve e cujo destino foi bem merecido.

Os militantes da C. G. T., porém, uma só preocupação tem tido: que se aniquilem todas as ditaduras e se evite a imposição de outras. E desde que todas as afirmações dos chefes revolucionarios vem comprovando que nenhuma ditadura será imposta, a C. G. T. tranquilizou-se, embora, não deixe de estar atenta, porque o perigo monarchico, que fermenta na agitação latente no país — a agitação dos grandes momentos historicos — é ainda muito grande, nem está, porventura, aniquilado.

As situações politicas tem sido, e continuam sendo, indiferentes para os militantes operarios. E' um criterio de que discordamos, sem desejar discuti-lo neste momento de graves preocupações. Sob este criterio, é que a C. G. T., protestando, sem embargo, contra ameaças de ditadura, não quer ligar o seu destino ao de um partido por toda a nação odiado, e por isso não hostiliza o movimento que reivindica a dignificação da Patria e da Republica, embora, por razões de principios, não se disponha a apoiá-lo. Contudo, a neutralidade da C. G. T. perante o movimento revolucionario, a sua afirmação de que é estranha a todas as manifestações de caracter politico, o seu desejo de que nenhuma opressão se exerça sobre o operariado, marcam uma attitude politica de relevo, e que ficará como um dos mais notaveis episodios do actual momento historico.

criminoso exploração politica, a que está escravizado o povo portuguez, acabamos de ver, ha bem pouco, o poder judiciario desfazer, em esgares de caciquismo aldeão e vilão, a magestade da sua função, ao arrebatrar a dois mil cidadãos o direito do voto.

D'alto a baixo impera em Portugal o cacique. E' preciso que os republicanos, que acima da posse do mando têm de colocar a questão da reforma dos nossos tristes costumes politicos, aceitem desde já a tarefa de exterminar o caciquismo.

Fazer a Republica sobre essa organização servil,

que os caciques mantêm, seria uma simples mudança de rotulo. E' indispensavel criar um Portugal novo, uma patria de cidadãos livres.

Guerra ao caciquismo — deve ser a nossa divisa! Queremos instituições novas? Queremos novos costumes? Façamos, do povo escravizado da nossa terra, um povo digno do regime democratico. Libertemo-lo, emancipemo-lo de todas as forças do caciquismo!

JOSÉ BARBOSA.

(De Alma Nacional numero 31, Setembro de 1910).

PELOS TEATROS

Comentarios sinceros aos acontecimentos da epoca
que ora cessou

Nota de abertura

Em regra a critica nunca é sincera. E a razão explica-se. O publico é uma entidade vaga, anonima. Perante ele ninguem sente responsabilidades de qualquer especie. Não pode retribuir um favor, nem sequer tem péso nas necessidades particulares de cada um dos criticos. Existe—porque lê. Ao passo que do outro lado, todas as ambições se podem vir a satisfazer. Os actores são, na quasi totalidade, uns rapazes sonsiveis e simpaticos. As actrizes, se não inteligentes, são pelo menos generosamente condescendentes. Por sua banda, os empregarios, apesar da sua má catadura, trazem sempre em suspenso entre eles e os jornalistas a possibilidade artistica dum belo *affaire* do teatro. E até os nossos actores são tratados com declarada cortezia, pois todos eles são detestaveis más-linguas e não agrada a ninguem ver-se tratado pelas ruas da amargura, aí pelas mesas dos cafés.

Houve uma epoca, ha poucos anos, em que criticos, escritores e artistas se pegaram ás turras. Ia sendo o demonio. Mas como a roupa suja é sempre melhor que se lave em casa, tiveram todos o bom senso de esquecer seus agravos e cafram, por conveniencia geral, nos braços, uns dos outros. De então, para cá, pelo mezos aparentemente, vive-se na mutua paz do Senhor.

E o resultado foi este: o publico lê as criticas, duvida e sorri e não vai ver as peças sem saber antecipadamente a opinião do seu sapa-teiro.

A epoca está a findar. Nada se representou de belo, nem de novo. Os processos são os mesmos de sempre e a tecnica teatral no sofreu ainda a mais leve modificação. Antonio Ferro, o ano passado, ao regressar entusiasmado de Paris, quis ciar entre nós um teatro novo. Mas, em lugar de organizar um grupo revolucionario, arregimentou uma leve patuleia de *snoobs* encasados. Não fez um teatro novo, inventou um teatro pretensioso, numa salinha hostil, com lugares de luxo. Faliu.

De então para cá, as nossas empresas mais se têm cingido, por falta de iniciativa e de conhecimentos—ao teatro meramente comercial. A ultima epoca foi um desastre. Amelia Rei Colaço fez a *Salomé*, de Wilde, espalhafatosamente mal. Alves da Cunha e Joaquim de Oliveira representaram o *Doido e a Morte*, de Raul Brandão.

Os espectaculos do Nacional foram uma miseria. No Avenida, *Pão de Ló*. O Ginasio, com alguns bons scenarios de Leitão de Barros, deu-nos duas ou tres comedias, com Palmira Bastos. Operetas, revistas, três *troupes* estrangeiras—e foi tudo.

O publico foge. Andá cansado do teatro e prefere os cinemas. E ninguem lhe pode levar a mal por deixar ás moscas o *Papillon bom rapaz* e as sensaborias do S. Luiz, preferindo-lhes os *films* de *Buster Keaton* e de *Charles Chapin*, cheios de observação, humor, consagração e graça.

As peças da semana

Terminados os espectaculos de Ernesto Vilches, regresou ao teatro da Trindade a companhia Lucilia Simões Erico Braga, sobindo de novo á scena a comedia francesa o *Homem das 5 horas*. A critica da peça está feita. São três actos sem novidade que fazem no entanto sorrir o espectador. A peça destaca-se pela maneira como é interpretada num belo e harmonico conjunto. Entre todos os artistas destaca-se Joaquim Almada, um actor de largo futuro, e que nesta peça tem uma criação cheia de humorismo.

Rafael Marques, no Apolo, fez a sua festa com o *Otelo*, de Shakespeare. Somos contra as reposições shakespeareanas feitas sem um largo criterio renovador. O grande poeta inglés, criador de figuras misteriosas e extranhas, necessita hoje do interpretações firmadas em criterios psicologicos, profundos e modernos. O lugar comum dos sentimentos já não basta. Dar no *Otelo* apenas o ciume é pouquissimo. E' necessario desvendar toda a complexidade das almas.

A encenação no teatro Shakespeare tambem necessita de ser primordialmente atendida, existindo em sínteses, em rapidez e no equilibrio das mutações. O *Otelo* do Apolo foi um drama-lhão de faca e alguidar. A isso se chama desvirtuar *Shakespeare*.

E mais não deu a semana. *Fox-Trot* no Eden. *Foot Ball*, no Maria Victoria. Variiedades no Politeama e no Foz... Assim se vai arrastando o teatro em Portugal.

C.

ARMA-TE!

Se tens armas em casa, limpa-as e prepara-as para servir. A Republica está em perigo e pode ser necessario defende-la.

Se não tens armas procura obtê-las. Todas servem. A artilharia não se faz ouvir só pela boca dos canhões.

POR BEM...

DA VIDA MENTAL

Um rapido balanço literario que conclui a ausencia de valores

Portugal não pensa.

Estamos em Junho. Com algumas quadrinhas melancolias no concurso de mangericos da Sociedade Nacional de Belas Artes acaba-se a época literaria—a *season* intelectual portugueza. E' esta, portanto, a altura de darmos um rapido balanço ás obras publicadas durante o ano. Em conjunto a crise mental mantem-se.

Poucos valores, rarissimas ideias e ausencia total duma *élite*. Vive-se uma época de desorientação. Em Portugal fala-se muito—mas raramente se fixa um densamento definido, concreto. Os escritores andam, como o povo e como a burguesia, ao sabôr das correntes. Os entusiasmos são facéis e injustificados. Os jornais inventam talentos, genios e redentores . .

Publicam-se, de facto, muitos livros. Tentaram vida inumeras revistecas, todas fraquinhas, indecisas, vãsias. Por todos os lados a ausencia total duma concepção e duma manifestação intellectual de conjunto. Portugal não pensa, debata-se por paixões . .

As revistas.

O intuito duma revista literaria é, collocando-se dentro duma escola—defender e divulgar os seus pontos de vista. Ora as nossas revistas, na generalidade, surgem sem qualquer especie de tendencia. A gente nova não vai alem duma cronica. Os contos são sempre leves esquisissos, apontamentos sem importancia. A critica rege-se por amizades pessoais.

Só a *Seara Nova* está um pouco acima deste conceito. E' uma publicação semanal que vive á custa da pena brilhante de Raul Proença.

Fóra disso tom nomes. Nomes que pelos seus artigos nunca se justificam a si proprios. E' justo destacar tambem Antonio Sergio, que é um cerebro em actividade. Pode-se discordar das suas opiniões, dalgumas das suas atitudes, mas Antonio Sergio pensa, raciocina e sabe discutir. Jaime Cortezão escreve pouco. E' uma figura para se vêr, demasiado decorativa e solene. Depois, alguns homens como Quirino de Jesus — e muitos artigos que ninguem lê.

Além da *Seara*, a *Renovação*. Editada pela *Batalha*, é uma revista modesta, e com a vantagem de ser escrita por gente nova. O seu campo de acção é o operariado.

Reapareceu a *Contemporanea*. Volta e meia, José Pacheco consegue destes milagres. Agora, surge como órgão das relações ibero-americanas.

Como leitura vem bastante fosca, mas como aspecto grafico continua marcando um bom lugar.

Duas ou três revistas de especialidade, como a de historia, mas para o grande publico nada mais digno de nota . .

Poetas.

Os nossos poetas calaram-se. Já não cantam ou se cantam — tiveram abaixamentos de voz. Teixeira de Pascoais perdeu o estro. Escreve a debater-se consigo proprio. O seu drama já não é o dos seus versos. O drama é ele, a querer lutar contra a sua inspiração, esgotada. Correia de Oliveira, Eugenio de Castro, Fausto Guedes e alguns outros, fazem pena. São os espectros dos seus poemas.

Depois os novos. Mario Beirão é um *raté*. De Americo Durão, perdido nas Espanhas, ninguem sabe dos seus ultimos sonetos. As poetisas não desanimam. Surgem de todos os lados e por todos os cantos. Já ninguem as lê, mas não desistem.

Poetas novos nenhuns. Os rapazes já vão perdendo o gosto pelos versos. A poesia tornou-se uma arte feminina, como os bordados. Virginia Vitorino publicou mais um livro — e todas as outras publicaram tambem mais um livrinho . .

Os escritores.

O ano correu fraco. Mestre Raul Brandão deu-nos o 2.º volume das suas memorias e algumas reedições. Raul Brandão começa a ser compreendido. Mais de espaço havemos de nos ocupar da sua obra. Neste artigo não fazemos critica, traçamos unicamente o roteiro literario do ano. Manuel Ribeiro publicou mais um livro — *A colina sagrada*. Sempre consideramos os chamados romances deste escritor como obras bastante mediocres. A *Catedral* ainda tem certo brilho literario. Depois, mesmo como literatura, o autor decaiu. Como tecnica nenhuma das suas obras resiste a dois minutos de analise.

E como pensamento e como ideia—os seus

DE REGRESSO

Vão voltar para a Metropole os revoltosos de Almada

Os sargentos não devem esquecer o seu nobre camarada Pauleta

Logo nas primeiras horas de vitoria, os revolucionarios transmitiram ordens para que, a Metropole, regressasse Martins Junior, um dos chefes do movimento de Almada.

Esta determinação exteriorisa um espirito de justiça e de republicanismo para registar. Martins Junior, porem, à hora a que escrevemos, parece não querer aceitar tal reparação sem que identica seja dada aos seus companheiros de exilio.

E' uma attitude nobre. Certos estamos de que o Lacerda d'Almeida, o heroico Pauleta e restantes exilados serão abrangidos pela ordem justa dos vencedores de agora.

No dia do regresso, nós que tantas vezes e tão violentamente, daqui exigimos o seu regresso, ao governo nefasto de Antonio Maria da Silva, acompanharemos no seu regosijo os republicanos amigos dos repatriados e a alegria das familias que os vão abraçar.

Porem, entre os que voltam, vem o sargento Pauleta heroico, altivo e nobre e honrado sargento representante genuino das qualidades da sua classe e das virtudes grandes do Povo — da choldra — de onde saiu e bem nos parece que é dever de todos os sargentos republicanos o receberem o seu camarada com uma manifestação carinhosa de justa afirmação de respeito pelas suas qualidades.

Ao sargento Pauleta, devem os seus camaradas republicanos a merecida homenagem de um dia de comunhão alevantada e entusiastica nos sagrados principios que devem nortear a Republica, em prol da Liberdade. Não acham?

livros nada valem. Cerebralmente é confuso, desnordeado. A sua logica é toda especulativa. O *Deserto* é um romance pesado e frio. Agora a *Collina Sagrada*, uma historia hirta e sem interesse, nada adianta no seu declamatorio nacionalismo e na sua fé — a fé, a grande arma religiosa e sentimental dos seus livros.

Romances poucos mais se publicaram. Assis Esperança, um novo, publicou um livro de contos, que não é ainda uma clara afirmação pessoal. Ferreira de Castro editou algumas novelas. Aquilino Ribeiro reedita as suas obras, aperando cada vez mais o seu estilo e a sua admiravel forma. Mas continua a ser um escriptor que falta assunto, ideia e analyse — e humanidade nas suas figuras. Malheiro Dias, Leonardo Coimbra, Pina de Moraes e outros, raro aparecem pelas mon-

Leiam com atenção

A disciplina e obediencia ás indicações do Directorio são o unico e melhor caminho a seguir

Recebemos a seguinte nota officiosa do Directorio do Partido Republicano da Esquerda Democratica:

O Directorio do P. R. E. D. estuda dia a dia a situação politica criada pelos ultimos acontecimentos a fim de bem orientar os seus filiados cuja correecção e disciplina este organismo aproveita a ocasião para salientar.

Convencido de que, resolvida a crise, em breve se regressará á normalidade constitucional, o Directorio mais uma vez recomenda aos seus filiados a maior serenidade, não se deixando arrastar por excessivos optimismos, nem se envolvendo em suspeitas camp nhas de intriga.

Estranho ao governo apenas deseja este partido continuar a obra da sua organização partidaria e doutrinarismo politico, na certeza de que a pureza dos seus principios republicanos, a lealdade dos seus processos e honradez dos seus homens, honradez que desafia as ameaças dos seus mais encarnigados adversarios, acabarão por impôr o P. R. E. D. á consciencia da Nação.

Aproveita ainda a oportunidade para saudar o seu illustre colega dr. Pereira Osorio, preso por um lamentavel equivoco, que, rapidamente se desfez, e *aconselhar os seus correligionarios a, sem desfalecimentos, intensificar a organização partidaria a fim de, eficazmente, poderem combater qualquer tentativa de ditadura fascista.*

tras das livrarias. Luiz Oliveira Guimaraes continua a publicar as suas bugigangas. Mario Domingues editou *Entre vinhedos e pomares*. Emuitos livros mais, entre eles uma novela de Norberto de Araujo, acolhida com entusiasmo pelo publico.

A epoca literaria não nos deu uma afirmação clara e nitida. Nem um valor surgiu impondo-se como ideia ou como pensamento. Num aspecto geral, temos isto: Portugal continua atravessando uma acentuada crise mental — e de cultura. Somos um povo por educar. E o mais grave problema nacional não é o politico — temos de o afirmar constantemente — mas o educativo.

C.

No proximo numero

O moderno jornalismo portugues

AS PREGUNTAS DO SENHOR EMPATA FONTES

E o sr. Empata Fontes, coçando a barba, em atitude sentenciosa, inquiriu dos companheiros, como perguntando a lição:

—E já pensaram nas dificuldades que hão de seguir-se ao dia da revolução?

—?!... dificuldades?!...

—Repito... E o sr. Empata Fontes, repetiu, acentuando grave e pausadamente, sílaba a sílaba, a fatal pergunta que parecia exprimir todo um pensamento de incertezas. Após a tirada, cruzou as mãos sobre o abdômen, e fazendo rodopio com os polegares, ficou aguardando gravemente, a resposta.

—Depois da revolução certamente que muitas dificuldades há a remover; o principal é lança-la.

— Ah!?... a vocês então só preocupa lançar a revolução?... atira-la á rua?... E depois?...

Podem avaliar o que é uma população sem pão... sem leite... sem as batatas... sem a hortaliça?...

E o sr. Empata Fontes, pontificando de gesto grave com os dedos polegar e indicador segurando as pitadas da logica que deixava cair sobre os circunstantes, gravemente, imponentemente, acrescentou:

—Admiram-se!... mas, evidentemente! No dia da revolução e padeiro não cose pão, o leiteiro não distribui leite, o fazendeiro não apanha a hortaliça... o depois?

—Não se come nesse dia!

O sr. Empata Fontes sentiu-se abalado. Voltou a coçar a barba, e olhou em roda, buscando uma ideia fugaz que o cérebro não alcançava.

Nisto, a sua fisionomia animou-se. Tinha encontrado outra pergunta:

—Bem; passa-se um dia sem comer. Mas no outro?

—Tambem se não come nesse dia.

O sr. Empata Fontes circunvagou a vista pela assistência. Duvidando da cabeça propria, e da dos companheiros, guardou silencio por um bocado.

A' intelligencia, demorada, não acudia contestação rapida, mas, não convencido, num ultimo esforço, rejubilou. Tinha encontrado outra pergunta.

—Bem; passam-se dois dias sem se comer. Mas no terceiro?

—Luta-se até morrer ou vencer! Até lá, não ha' vondo que comer, não se come!

A estas palavras o sr. Empata Fontes, resolutamente, levantou-se.

—Não me convem! Para se passar fome, não vale a pena fazerem se revoluções. Então, deixem estar o que está, visto que o pãozinho não nos falta á porta, o leiteiro distribui o leiteinho, e o fazendeiro para ganhar uns patacos, continua a semear os nabinhos e as couvinhas e a trazer a hortaliça para a praça.

E profeticamente o sr. Empata Fontes, largando logica ás pitadas, deixou cair desengraçada e graciosamente as suas palavras de prego, pausadas, pronunciadas sílaba a sílaba:

—Pensem bem no que façam! Antes de nos envolvermos em qualquer acto devcemos ter a certeza absoluta... absoluta! entendam bem!... do seu exito!

Depois de uma pausa, certo de que a assistência tinha diluido o conceito da frase, sentando se gravemente, o sr. Empata Fontes, pondo a dextra sobre a boca, simulando um segredo particular para ser por todos ouvido, acrescentou:

—As probabilidades são sempre palavras! Se não quizermos ser pessimistas, lembrêmo-nos que dentro das leis existentes ha muito que aproveitar sem necessidade de recorrermos a revoluções que não nos garantam as vantagens do presente. A vidinha não é tão má como a pintam. A casinha suporta-se, mesmo péssima; o pãozinho se é caro e não é muito, vai-se comendo, e pela sua falta, ninguem morre de fome; o sol é distribuido a quem o quizer tomar, excepto aos prisioneiros, o que é natural. Alguma diferença devem eles sentir de quem se encontra em liberdade...

Pensem bem no que fazem!

Fazendo uma vénia geral, o sr. Empata Fontes retirou-se gravemente, magistralmente, satisfeito de si pelas ilações que se podiam tirar das suas sentenças, e nessa noite, só altas horas adormeceu, depois de, como de costume, ter feito ao travessoiro perguntas que ficaram naturalmente sem resposta.

ANTONIO NORMANDO

Em Coimbra, em 1 de Junho

Palavras do general Gomes da Costa

«Foi o povo, agora, que me mandou para a revolução, e espero ir para o Governo e fazer lá uma obra de ressurgimento, apenas com o seu apoio. E' do povo que espero os aplausos, é do povo que espero a ordem para me conservar no Poder.

— Não quero a ditadura militar! — exclamou com energia. — Quem o disser, mente como um cão!